

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CASA

5 e 25 de Março de 2026

MON ONCLE / 1958

(O Meu Tio)

Um filme de Jacques Tati

Realização e Argumento: Jacques Tati / Direcção de Fotografia: Jean Bourgoïn / Cenários: Henri Schmitt / Música: Alain Romans e Franck Barcellini / Montagem: Suzanne Baron / Interpretação: Jacques Tati (M. Hulot), Jean-Pierre Zola (M. Arpel), Adrienne Servantie (Mme. Arpel), Alain Becourt (Gérard), Lucien Frégis (M. Pichard), Dominique Marie (vizinha), Betty Schneider (filha da porteira), J.-F. Martial (Walther), André Dino (varredor), Max Martel (bêbedo), Yvonne Arnaud (criada dos Arpel), Claude Badolle, Nicolas Bataille, Régis Fontenay, Adelaide Danielli, Denise Péronne, Michel Goyot, etc.

Produção: Specta Films – Gray Film – Alter Film – Film del Centauro / Produtor: Louis Dolivet / Cópia: DCP, colorida, falada em francês com legendas em português / Duração: 116 minutos / Estreia em Portugal: Tivoli, a 29 de Novembro de 1958 / Reposição: Apolo 70, a 21 de Fevereiro de 1975.

No seu óptimo livro sobre Jacques Tati (Ed. Cahiers du Cinema, 1987), Michel Chion relembra, para concordar com ela, a opinião que o próprio realizador tinha sobre **Mon Oncle**. Escreve Chion: “*Somos tentados a subscrever a opinião do autor (...) e de ver em **Mon Oncle**, como Tati, mas também como Noel Burch ou François Truffaut, críticos do filme acolhedores e sensatos, um semi-fracasso, porque demasiado próximo da habitual comédia satírica*”. E fá-lo não para menosprezar o filme, como à primeira vista se poderia supor, mas precisamente para sublinhar a sua extrema importância: algumas linhas à frente das citadas, Chion afirma que lhe parece evidente (e não será só a ele) que se Tati não tivesse tentado **Mon Oncle**, **Playtime** não teria sido o que foi. “*Que dizia Tati desta tentativa? Que se tinha perdido. Ora cada um dos seus filmes nos ensina que para chegar de um sítio qualquer a outro sítio qualquer a única via é, justamente, a do erro*”.

O raciocínio de Chion integra-se na tese largamente defendida que encara a obra de Jacques Tati como um permanente “work in progress”, onde cada filme é uma experiência (ou o fruto de uma experiência) que vale tanto por si (pelo filme enquanto objecto acabado) como pelo que anuncia (ou pelo filme enquanto objecto em aberto). E neste caso concreto de **Mon Oncle** (a terceira longa-metragem de Tati, depois de **Jour de Fête** e de **Les Vacances de M. Hulot**, e o filme onde, ainda para Michel Chion, o realizador começava a enfrentar um verdadeiro problema de “mise en forme”), parece relativamente evidente que, sem desconsiderar os méritos do filme enquanto “obra fechada”, a tentação de o ver enquanto “obra aberta”, conducente a **Playtime**, traz consigo, e de maneira talvez inevitável, a tentação de o reduzir face a esse absoluto gigante que é o filme de 1967. E como tal, podemos dar por nós a ver menos **Mon Oncle** do que a pressentir nele tudo o que em **Playtime** assumiria uma dimensão infinitamente superlativa.

Tentemos então *ver* **Mon Oncle**, a partir de alguns traços e pormenores que assinalem quer a relevância da experiência, quer o grau de inovação que o filme introduzia na obra de Tati, quer ainda a manifestação do génio humorístico do realizador (e “gags” geniais, como é óbvio, não faltam aqui).

Em primeiro lugar, parece importante assinalar a mudança de cenário, em relação aos filmes precedentes. Quer **Jour de Fête**, quer as **Vacances** eram filmes “rurais”, é em **Mon Oncle** que a cidade e o espaço urbano são introduzidos. E são-no, numa espécie de assunção dessa mudança, de maneira extraordinariamente fluida, como se Tati quisesse registar a transição: através do senhor Hulot, a única personagem capaz de circular com o mesmo à vontade (ou falta dele) por todos os sítios, passamos do bairro popular e antigo (filmado como uma persistência, ou um vestígio, do campo na cidade) ao bairro elitista e moderno, ao espaço definitivamente urbano que aqui é o verdadeiro objecto do trabalho de Tati.

Depois, e era provavelmente a isso que Chion se referia quando apontava que em **Mon Oncle** Tati começava a enfrentar um problema de *mise en forme*, é a totalidade desse espaço urbano enquanto ideia que o realizador pretende conceptualizar. E é isso que explica o investimento estilístico na elaboração visual (e a eventualmente excessiva queda, como sustenta Chion, no “grafismo”), totalmente novo por relação aos filmes anteriores. **Les Vacances**, por exemplo, vivia de um tipo de observação social (era “os burgueses em férias”) onde o humano, os gestos, os tiques de classe, os hábitos, eram o essencial, e onde o cenário não era necessariamente uma fonte de conflitos. Aqui, Tati faz do cenário a fonte privilegiada de todos os conflitos, é ele, multiplicado em “gadgets” e espaços “desnaturalizados”, que se assume como motor do filme, de modo a que o mecânico se sobreponha ao humano. Ou que o aprisione: e nesse sentido, o mais emblemático plano do filme talvez seja aquele em que o casal Arpel fica trancado dentro da sua garagem (cujos mecanismos de abertura e fecho são automáticos, quer dizer, têm vontade própria), dependentes, para se libertarem, de que o seu cão consiga activar a célula fotoeléctrica que regula a porta. Mas, ao contrário do carácter muito mais abstracto de **Playtime**, no cerne de **Mon Oncle** está ainda um vínculo social bastante forte, de crítica ao novo-riquismo – razão suficiente para que se duvide do suposto (para alguns, pelo menos) “reaccionarismo” de Tati: em **Mon Oncle** o alvo da crítica é a “modernidade” ou o “modernismo”?

Depois, é o puro prazer que o visionamento de um filme de Tati sempre oferece. Observar a meticulosa e imaginativa construção dos “gags”, sentir em Tati o mais legítimo herdeiro moderno dos grandes burlescos clássicos (Buster Keaton, sobretudo) – e ver na sua arte a continuação de uma tradição que está hoje, e até prova em contrário, definitivamente perdida. Arte e tradição de que **Mon Oncle** preserva até a tendência para uma certa melancolia: que dizer daqueles planos que pontuam o filme, com os cães e os miúdos – a não ser que são eles, juntamente com o “indomável” Hulot, as criaturas mais livres e mais “móveis” que Tati mostra em **Mon Oncle**?

Luís Miguel Oliveira